

Própolis vermelha de Alagoas (PVA) no tratamento tópico de lesões de Leishmaniose Tegumentar em co-terapia com Glucantime®: avaliação in vitro e in vivo

Ellen L. Alves¹, Valcilaine T. Barbosa¹, Laleska B. C. Santos¹, Valéria R. A. Pereira², Fernando de A. Pedrosa³, Salete Smaniotto³, Ticiano G. do Nascimento¹, Luciano A. M. Grillo¹, Camila B. Dornelas¹

¹*Escola de Enfermagem e Farmácia, Universidade Federal de Alagoas, Av. Lourival Melo Mota, S/N – Tabuleiro dos Martins, Maceió – AL, 57072-900, Brasil* ²*Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães/Fundação Oswaldo Cruz, Universidade Federal de Pernambuco, Av. Professor Moraes Rêgo S/N, Cidade Universitária, Recife - PE, 50.740-465, Brasil* ³*Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de Alagoas, Av. Lourival Melo Mota, S/N – Tabuleiro dos Martins, Maceió – AL, 57072-900, Brasil*

A Leishmaniose Tegumentar (LT) é uma doença negligenciada infecciosa, não contagiosa, que acomete pele e mucosas. Os antimoniais pentavalentes (no Brasil, o Glucantime®), via sistêmica, são o tratamento de primeira escolha, porém seu uso acompanha alta toxicidade, como alterações cardíacas, hepáticas, pancreáticas e/ou renais (BRASIL, 2007). Considerando-se as atividades leishmanicida e cicatrizante da própolis (MENEZES et al., 2015), o presente trabalho objetivou avaliar (in vitro e in vivo) o efeito do extrato bruto de própolis vermelha de Alagoas (PVA) por via tópica em co-terapia com o Glucantime® na LT. Para tal, na análise in vitro foram investigadas a ação leishmanicida contra promastigotas e amastigotas (*L. amazonensis*) e a citotoxicidade sobre macrófagos peritoneais. Para as análises in vivo, todas em co-terapia, a PVA foi previamente incorporada em uma base semissólida. Estes contaram com etapa pré-clínica, em camundongos BALB/c infectados, para avaliação do tamanho das lesões, carga parasitária e histologia; e etapa clínica, com pacientes diagnosticados e com indicação do Glucantime®, nos quais foi avaliado o tempo de cicatrização das lesões. O extrato apresentou atividade leishmanicida e CC₅₀ superior a IC₅₀. Com relação ao tamanho das lesões e à carga parasitária, a PVA em co-terapia mais uma vez se destacou. Na análise histológica, foi constatada a preservação das características de fígado, rins e baço pela PVA, demonstrando um efeito protetor. No estudo clínico, o tempo médio de cicatrização das lesões foi de 47 dias. Assim, conclui-se que a co-terapia demonstrou ser promissora, podendo contribuir na inclusão social dos pacientes de LT, numa maior adesão ao tratamento e menor possibilidade de recidivas ou até resistência.

Palavras-chave: Leishmaniose Tegumentar, própolis vermelha de Alagoas, co-terapia, Glucantime.

Apoio: CAPES, CNPq, FAPEAL e FINEP